

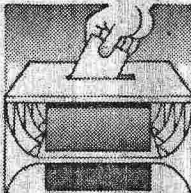


Josenildo Tenório/AE

Collor de Mello a caminho do palanque para o último round da campanha para o primeiro turno: o corpo-a-corpo com os eleitores, uma das marcas do estilo do candidato do PRN

Collor procura aliados para reta final

Foi um comício de vencedor. Depois de um discurso inflamado, com críticas reforçadas ao presidente Sarney, o candidato do PRN já começa a preparar seu time para o segundo turno das eleições. Ele tem quatro alvos prioritários: Covas, Ulysses



Camargo e Freire. Mas pretende esperar pelo fim das apurações antes de dirigir-lhes acenos. O alto comando do partido acredita que seu adversário será Lula. Se a previsão der certo, Collor espera ser beneficiado, pela dificuldade do PT em fazer alianças.

PATRICIA ZAIDAN

O Sarney foi bonzinho, não foi? — perguntava o locutor Isve Cavalcanti.

— Não! — berrava a multidão.

— Ele não subiu o preço da gasolina, do arroz e do feijão. Verdade?

— Não!

— Então, quem não quer Sarney vota no...

As reticências paradas no ar eram a senha para que milhares de pessoas, em coro, urrassem o nome do seu candidato à Presidência da República.

— Collor! Collor! Collor!

Novamente a contragosto, e embora se encontrasse fora do País, o presidente José Sarney esteve presente ao comício de Fernando Collor de Mello na praça do Conjunto Habitacional Nossa Senhora Virgem dos Pobres, em Maceió. Era uma presença indesejável, mas aparentemente muito útil para caçadores de votos. Sob um calor de 36 graus, dezenas de milhares de alagoanos transpiraram também de entusiasmo quando o candidato do PRN, em seu discurso de 17 minutos, procurou acuar Sarney no canto do ringue no último round de sua campanha para o primeiro turno da eleição.

“Ele está no Planalto cercado por corruptos, ladrões e assassinos”, acusou Collor, acrescentando um outro tipo de crime — homicídio — ao vasto rol de delinquências que parece vislumbrar nos palácios de Brasília. Depois a estrela da concentração anunciou que só faltava combater um último marajá — Sarney, naturalmente. “Vou arrancá-lo do palácio”, avisou, ameaça que fez sua mulher, Rosane, apertar nervosamente os dentes contra o lábio superior. Enfim, garantiu que o presidente fizera uma aposta com seu líder no Senado: rasparia o bigode caso Fernando Collor fosse o seu sucessor. “Pois ele vai ter de raspar”, celebrou Collor.

EXTASE

Se a improvável aposta de fato tivesse ocorrido, e estivesse restrito ao primeiro turno, Sarney certamente perderia o adereço capilar que tem feito a alegria dos caricaturistas: o comício do Maceió, que incluiu um palanque de 400 metros quadrados e a presença da gigantesca bandeira brasileira que se transformou numa das marcas registradas da campanha pelas diretas já, foi um comício de vencedor. Era natural, assim, que extasiados, partidários de

Collor passassem a noite de domingo comemorando o espetáculo que haviam contemplado no final da tarde.

Como sempre acontece em palanques de favoritos, faltou espaço mesmo para cabos eleitorais importantes — o prefeito de Recife, Joaquim Francisco, teve de dividir o desconforto da “turma do gargarejo”, ao rés-do-chão, metros abaixo do palanque, com a deputada federal Márcia Kubitschek, socorrida por seis pedras de gelo para resistir ao calor excessivo. À noite, aparentemente refeita da dura experiência, Márcia estava no Hotel Jatiúca, um dos mais requintados cinco estrelas da orla brasileira para juntar-se a outros expoentes da campanha que haviam testemunhado a festa acotovelados no palanque.

Ali, Márcia acabou sucumbindo a alguns goles de “coco louco”, um demolidor coquetel à base de vodca, cointreau e água de coco. Alguns empresários paulistas ligados a Collor, mais resistentes a beberagens exóticas, encontraram no “boco louco” estímulo para tratar da montagem do futuro ministério. As articulações foram interrompidas por uma advertência do cauteloso irmão do candidato, Leopoldo Collor, que recomendou aos convivas menos euforia e mais atenção aos preparativos para o dia da votação.



Josenildo Tenório/AE

Ataque a Sarney: “O presidente está cercado de corruptos”



Josenildo Tenório/AE

Comício de encerramento em Maceió: comemorações que invadiram a madrugada

CONTATOS

Aquela altura, Collor estava de volta a Brasília, para onde viajara no começo da noite a bordo de um jatinho da Líder. Já com a passagem para o segundo turno virtualmente assegurada, o candidato do PRN pretende antecipar contatos com concorrentes que espera ter como aliados nos palanques da próxima etapa da disputa.

São quatro os alvos prioritários: Mário Covas, do PSDB, Ulysses Guimarães, do PMDB, Affonso Camargo, do PTB, e Roberto Freire, do PCB. Quanto a Covas, Collor deverá esperar pelo fim das apurações antes de dirigir-lhe eventuais acenos: segundo pesquisas recentes, o candidato dos tucanos tem chances de conseguir a segunda vaga para o próximo turno. No caso de Affonso Camargo, talvez seja necessário apenas solicitar-lhe o cumprimento da promessa feita em junho, conforme a qual iria collorir depois de 15 de novembro.

A adesão de Camargo, eleitoralmente, equivale a um punhado de votos quase desprezível. Interessa a Collor, de todo modo, a companhia dos estandartes do PTB, pelo que resta de sua antiga aura nacionalista. Se em matéria de votos também o apoio de Roberto Freire parece irrelevante, uma aliança com os comunistas talvez per-

mitisse a Collor trafegar com mais desembaraço por territórios à esquerda.

— “Acreditamos que teremos Lula como adversário no segundo turno”, diz o assessor de Collor. “Aliás, é o adversário que mais nos convém.” O alto comando da campanha do PRN acredita que, com o deputado Luiz Inácio Lula da Silva no páreo, Collor será beneficiado pela dificuldade do PT em estabelecer diálogos fluentes com outros partidos. “O sectarismo do PT vai facilitar nossa política de alianças”, acredita o próprio Collor.

Os contatos com Ulysses dificilmente produzirão algum tipo de acordo — hoje, o desconzido PMDB não tem um interlocutor credenciado para falar em nome da legenda. O antigo maior partido brasileiro está reduzido a um quebra-cabeças no qual se movem chefes regionais interessados sobretudo em seu próprio destino. Ter o apoio de Ulysses Guimarães — ainda que de um Ulysses machucado por uma campanha transformada em calvário pessoal — sempre será de alguma valia. Mas Collor terá de conversar com governadores e outros caciques do PMDB se quiser herdar parte do legado da legenda a que já pertenceu. Mesmo que seja Lula seu adversário no segundo turno.